



proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

Este volume contém os textos das comunicações apresentadas à sessão "Guerreiros e Camponeses: Quem procurar?", dedicada à Proto-história e Romanização.

O título sugere bem o problema arqueológico com que esta região se defronta hoje. Se o Vale do Côa apresenta o mais importante conjunto de arte rupestre proto-histórica da Península Ibérica, o conhecimento desta arte não é acompanhado por um reconhecimento das populações que a produziram e vivenciaram.

A leitura deste volume dá-nos uma perspectiva abrangente de guerreiros e camponeses, em volta da arte rupestre do Vale do Côa. Continuamos, contudo, a saber mais dos guerreiros do que dos camponeses, mais da arte do que dos artistas, e mais dos invasores do que dos invadidos.

03

proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



Pinhel, 17 de Maio de 2006

03

proto-história e romanização

guerreiros e
colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

índice

- 4 **prefácio**
António Ruas
- 5 **introdução**
Luís Luís e António do Nascimento Sá Coixão
- 8 acta 1
Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- 29 acta 2
Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização
António do Nascimento Sá Coixão
- 56 acta 3
Cidadelhe e a Proto-história e a Romanização de Médio Côa
Manuel Sabino G. Perestrelo
- 72 acta 4
Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda
Susana Rodrigues Cosme
- 81 acta 5
A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006
Maria Pilar dos Reis e Fernando Santos
- 85 acta 6
Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais
Carla Maria Braz Martins

Os guerreiros sem os camponeses e os artistas sem estômago...

Um dos Debates no Vale do Côa, inseridos no âmbito do 3.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, realizou-se em Pinhel no dia 17 de Maio de 2006, subordinado ao sugestivo tema: “Guerreiros e Camponeses: Quem procurar?”. Logo à partida o título da sessão, dedicada aos horizontes cronológicos da Proto-história e Romanização, sugeria bem o problema arqueológico com que esta região se defronta hoje.

O Vale do Côa apresenta o mais importante conjunto de arte rupestre proto-histórica da Península Ibérica, só comparável com os conjuntos de Valcamonica (Itália) Bohuslän (Suécia) e Mont Bego (França). A descoberta deste impressionante conjunto de representações, disperso por cerca de três dezenas de núcleos distintos, não foi inicialmente motivada por uma pesquisa científica metódica, mas fruto do desenvolvimento de dois projectos hidroeléctricos. Nos anos 80 identificou-se o conjunto do Vale da Casa, durante o projecto da construção e enchimento da barragem do Pocinho (Baptista, 1983, 1983-84 e 1986). Uma década depois, uma nova barragem, agora no troço final do rio Côa, motivou a descoberta do maior conjunto de arte paleolítica ao ar livre do mundo, incluindo um numeroso conjunto de arte rupestre proto-histórica, o segundo momento mais relevante do Vale do Côa.

Contudo, os vestígios desta arte, que começamos hoje a conhecer (Baptista 1998 e 1999), não foi acompanhado até ao momento por um conhecimento das populações que a produziram e viveram. Os diferentes intervenientes na sessão procuraram responder, de diferentes formas e a diferentes níveis, à pergunta que pairava sobre a sessão.

Francisco Sande Lemos – que dedicou a sua dissertação de doutoramento ao povoamento proto-histórico e romano de Trás-os-Montes Oriental e foi um dos responsáveis pelo estudo do Vale da Casa nos anos 80 – e Gonçalo Cruz – arqueólogo natural de Pinhel – apresentaram-nos um ponto de vista supra-regional e etno-arqueológico. Os autores relacionam a realidade desta região com o Noroeste peninsular, onde, fruto do trabalho de sucessivas gerações de investigação, o nosso conhecimento sobre esta época é já muito mais desenvolvido. Os autores partem de uma perspectiva histórico-etnográfica das múltiplas dimensões do fenómeno da guerra, que marcou profundamente as populações proto-históricas peninsulares, e avançam para uma interpretação das múltiplas dimensões sociais dos povoados fortificados, das suas muralhas e da sua relação com o território.

Os investigadores terminam com uma sugestiva interpretação das estátuas de guerreiros do Noroeste e da sua eventual relação com as representações rupestres do Vale do Côa. Trata-se de um interessante caminho para a interpretação desta arte, que nos permitimos conjugar com um conjunto de ideias que um de nós apresentou na primeira edição deste mesmo congresso (Luís, 2005: 43-48) e desenvolveu noutro local (Luís, no prelo).

Caminhando no sentido de uma maior pormenorização, seguimos para um conjunto de sínteses regionais.

Um dos signatários (António Sá Coixão), há largos anos dedicado ao estudo da arqueologia desta região, sobretudo no domínio da romanização, mas também na Pré-história Recente, apresentou uma perspectiva da Proto-história e Romanização do Baixo Côa, fruto destes já longos anos de prospecção e escavação arqueológica. Permitimo-nos salientar do seu recente trabalho a identificação do provável templo dos Aravos e o extraordinário conjunto musivo da Vale do Mouro.

Manuel Sabino Perestrelo, madeirense por nascimento, mas já quase também beirão, tem vindo a estudar este período histórico na bacia do Médio Côa, nomeadamente no âmbito da sua dissertação de mestrado. Partindo da escavação de um dos raros sítios escavados com ocupação proto-histórica, o Castelo dos Mouros de Cidadelhe, o autor analisa a ocupação proto-histórica e romana do Médio Côa, com especial incidência para os inícios da ocupação,

introdução

Luís Luís

(Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Email: luisluis.pavc@ipa.min-cultura.pt)

António do Nascimento Sá Coixão

(Director do Museu da Casa Grande, Freixo de Numão. Email: freixo.acdr@clix.pt)

através da presença de tropas romanas, período geralmente ausente dos contextos conhecidos.

Susana Cosme apresenta-nos igualmente uma síntese regional, com base no estudo realizado para a sua dissertação de mestrado, que incidiu sobre a região entre o Côa e o Águeda, com especial incidência na escavação da *villa* romana do Olival dos Telhões. Deste sítio apresenta-nos uma placa gravada com motivos da Idade do Ferro.

Esta placa revela-se paradoxal a dois níveis. Em primeiro lugar, o achado realizou-se num contexto secundário, não acompanhado por outros vestígios coevos. O Olival dos Telhões localiza-se contudo no sopé do Castelo Calabre, cuja ocupação pré-romana, preservada na terminação do topónimo, se supõe mas nunca foi comprovada. Em segundo lugar, se tematicamente os motivos inscritos na placa se integram na iconografia conhecida para a arte da 2ª Idade do Ferro do Vale do Côa e Douro, já a natureza suporte é totalmente distinta. Esta placa, juntamente com a recentemente achada de forma fortuita no Paço, outro sítio com apenas uma ocupação romana conhecida, levantam as questões da cronologia final desta arte, bem como da existência de uma eventual arte móvel sidérica.

Apresentam-se aqui três sínteses diferentes e não necessariamente concordantes, mas que se revelam complementares em termos de área geográfica e temática. Destas experiências de investigação, mais longa no caso de António Sá Coixão, ressalta um conhecimento mais cimentado das realidades romanizadas, sobretudo tardias, e um conhecimento ainda muito parcelar e fragmentário das realidades prévias.

Descendo ao nível do sítio, Maria do Pilar Reis e Fernando Santos, arqueólogos responsáveis pela escavação do sítio romano do Prado Galego (Pinhel), fazem-nos uma apresentação da estação, que os participantes do congresso tiveram oportunidade de visitar, podendo apreciar os seus mosaicos.

Finalmente, é no texto de Carla Braz Martins que nos aproximamos mais dos camponeses. A sua intervenção no Monte da Sra. do Castelo de Urros, que buscava inicialmente provas do poder dos guerreiros através do estudo da mineração – tema da sua dissertação de doutoramento – permitiu-lhe identificar o conjunto de cerâmicas proto-históricas, que aqui nos apresenta. Trata-se de um dos primeiros conjunto cerâmicos do Ferro regional, fundamental para a definição de uma cultura material ainda em grande medida desconhecida.

Durante a sessão houve ainda lugar para um vivo debate subordinado ao tema “A II Idade do Ferro no Baixo Côa: o primeiro feudalismo ibérico?”, moderada por António Martinho Baptista, director do Centro Nacional de Arte Rupestre, que acabou por reflectir a questão que pairou sobre os trabalhos.

O volume que aqui apresentamos inclui os textos das comunicações apresentadas ao congresso. A sua leitura dá-nos uma perspectiva abrangente de guerreiros e camponeses, num âmbito geográfico alargado em volta da arte rupestre do Vale do Côa. Continuamos contudo a saber mais dos guerreiros do que dos camponeses, e mais dos invasores do que dos invadidos.

Na busca da totalidade social, ou seja, da compreensão das sociedades humanas nas suas múltiplas facetas, a arqueologia não se pode contentar com sociedades apenas de artistas que gravaram as paredes de xisto, ou de guerreiros, que aí surgem representados. Teremos pois de procurar ambos e, juntamente com eles, os camponeses, artesãos, as mulheres e as crianças.

O diagnóstico está feito, os horizontes da investigação são amplos. Só com a continuação e intensificação dos trabalhos de investigação poderemos deixar de ter homens sem mulheres e filhos, falcatas sem ferreiros, artistas sem estômago e guerreiros sem camponeses.

bibliografia

BAPTISTA, A. M. (1983) – *O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)*. Arqueologia. Porto. 8, p. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1983-84) – *Arte rupestre do norte de Portugal: Uma perspectiva*. Portugália. Porto. Nova série. 4-5 (*Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste*, Novembro de 1983), p. 71-82.

BAPTISTA, A. M. (1986) – *Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção*. In ALARCÃO, J. de, ed. – *História da Arte em Portugal*. 1. Lisboa: Editorial Alfa, p. 31-55.

BAPTISTA, A. M. (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M. (1998) – *A arte do Côa e Alto-Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART)*. In LIMA, A. C. P. S., ed. – *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, p. 196-201.

LUÍS, L. (2005) – *Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Côavisão. Vila Nova de Foz Côa. 7 (*Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*), p. 31-60.

LUÍS, L. (no prelo) – *Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa*. In BALBÍN BEHRMANN, R. de – *Arte al Aire Libre en el Sur de Europa (Curso de Arte Rupestre al Aire Libre: Investigación, Protección, Conservación y Difusión* [Salamanca, 15, 16 y 17 de junio de 2006]).